



**Entrevista:
Lucia Santaella**

Ciça Guirado

DOI 10.5433/1984-7939.2015v11n19p283

Lucia Santaella: uma fêmea teórica

Ciça Guirado *

Perspicaz, bem humorada e consciente, a semioticista, escritora, leonina, feminina, conta da vida em tempos de modernidade líquida. Lúcia fala do amor pelo ofício de educar: “Ser professor no Brasil, cada vez mais, é ter parentesco com loucos, santos e bêbados”. Como cientista, ela garante que estamos atravessando um processo de mutação antropológica e sugere a ética da curiosidade para o avanço do conhecimento. Santaella, que está lançando seu 42º livro, esteve em Londrina dando palestra no II EIEIMAGEM - Encontro Internacional dos Estudos da Imagem, realizado pelo LEDI – Laboratório de Estudos do Domínio da Imagem, promovido pelo Departamento de História em parceria com o Programa de Mestrado em Comunicação da UEL, de 19 a 22 de maio de 2015.

Quem é essa mulher?

Que pergunta difícil.... Mas, acho que, como mulher, o que sou é inseparável daquilo que faço. Sou professora, pesquisadora, escritora. Vou publicar agora meu 42º livro e organizei mais 14, fora todos os artigos... Sou escritora evidente, mas não escritora de ficção. Costumo me apresentar como uma fêmea teórica (risos). Faz muito anos que eu falo isso... Quando era jovem eu me apresentava assim. Na época, eu queria irritar os homens. Uma bobagem da juventude. Então, um dia, depois que terminei minha fala, o Júlio Plaza virou pra mim e disse: “Lúcia, você sabia que teórica é um anagrama de erótica?” (risos) Aí eu parei de falar, porque pensei:

* Maria Cecília (Ciça) Guirado, é jornalista (UEL), mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e Doutora em História da Comunicação/Estudos Portugueses (UNL - Universidade Nova de Lisboa). Atualmente é Profa. Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual de Londrina, onde desenvolve seu Projeto de Pesquisa Do Jornalismo à Literatura: *Imagens culturais da América Latina em Cem anos de solidão*.

“Olha, eu me traio, de acordo com Freud”. Mas, agora eu me sinto liberada pra falar outra vez: “Eu sou uma fêmea teórica”.

E esse erotismo? Esse sensual do pensamento lógico, que aparece no modo de vestir, de falar, de se ornamentar com brincos e colares. Esse visual que a professora sempre dá de presente aos seus alunos e aos ouvintes de suas palestras?

É uma coisa de que vem de família. Meu irmão é um grande costureiro. Minha mãe sempre se preocupou muito com a nossa aparência. Ela escolhia as roupas que a gente ia vestir, ia pra costureira com aqueles modelinhos. Então, essa valorização da aparência não é pura vaidade, é um respeito consigo própria. E por outro lado, trabalho muito com estética, daí essa harmonia na aparência que a gente busca. Acho também que se arrumar é dar uma aula com o melhor que a gente tem, não apenas no espírito, mas também no corpo. É um respeito para com aqueles que estão lá nos ouvindo e que vão buscar aquilo que a gente tem pra dar. Alguns podem chamar de vaidade...

Mas quando eu digo que eu sou uma fêmea teórica, é porque sou muito profissional, muito dedicada, não meço esforços... Perco o sono para cumprir aquilo que eu prometo, sou responsável com as datas. Mas, ao mesmo tempo acho que eu tenho uma certa naturalidade com o fato de ser feminina. Me agrada ser mulher, não tenho problema nenhum com isso. Não uso o feminismo como discurso ou como bandeira, mas evidentemente sou feminista. Eu sou uma mulher que pagou seus patos. Acho que a afirmação da mulher tem que começar por uma autonomia econômica, porque senão ela fica dependente daquele que a sustenta. Então, isso não tem condição. A posição da mulher, principalmente no Brasil, é bastante complicada, porque a gente quer ter uma carreira, família, a gente quer ter uma casa...

Bom, eu sou do signo de Leão, então isso aparece por fora...

Eu acredito na astrologia. Imagina uma cientista que acredita na astrologia (risos). A primeira vez que eu fiz meu mapa astrológico, revelaram-se coisas inacreditáveis. Meus colegas psicanalistas vão ficar horrorizados com isso. (Eu também tenho formação em Psicanálise). Meu ascendente é câncer, então a casa e a família são extremamente importantes para mim.

Tenho um certo pudor de falar sobre mim. Esse discurso do eu, me deixa um pouco constrangida. Mas, quando eu falo de mim, estou falando de mulheres com as quais eu convivo. Mulheres que eu admiro muito. São mulheres do meu ambiente. Mulheres que trabalham, que têm essa inquietação intelectual, a inquietação do conhecimento. São mulheres que têm filhos...Mulheres que são donas de casa, porque, afinal, a casa é uma coisa do feminino. Mesmo quando o homem ajuda...(e isso é uma condição da atualidade), a casa é da mulher. O homem tem que compartilhar todas as tarefas... Se a mulher está trabalhando, evidentemente, ela entrou no mercado, que antes era espaço só do homem, então ela tem que fazer exigências. Ela não pode exigir que o homem compartilhe com ela os deveres da casa e dos filhos sendo que ela não está compartilhando com ele os deveres de uma vida no mercado de trabalho. Aliás, ela só pôde fazer exigências quando alcançou autonomia econômica.

No meu livro *Lições e subversões*, que circulou pouco, tenho um artigo sobre a mulher em tempos de modernidade líquida, onde coloco esse perfil muito diversificado, essa pluralidade de facetas da mulher contemporânea.

A vida contemporânea é uma luta contra o tempo. É o grande problema que nós enfrentamos. Nós exigimos tanto de nós mesmos, que o tempo vira nosso inimigo. Você fica o tempo inteiro esperando que o tempo passe de maneira mais lenta. Mas ele não passa. Ele se acelera, porque o mundo digital não veio para facilitar a nossa vida, embora a gente pense que ele facilite. O mundo digital criou uma espécie de sentimento de falsa onipotência.

A propósito do mundo digital, que caminhos novos se abrem no Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, da PUC-SP, criado pela professora?

Há uns dez anos, li uma entrevista publicada no Brasil, acho que no *Folhetim* [caderno cultural da Folha de S. Paulo nos anos 70 e 80 do século passado], onde vários ganhadores do prêmio Nobel diziam o seguinte: “se o conhecimento humano não se tornasse multidisciplinar, interdisciplinar, o conhecimento humano não se desenvolveria na sua complexidade, ou seja, ele se estancaria”. Ora, acredito muito nisso. Sou por natureza uma defensora da interdisciplinaridade, tive formação interdisciplinar. Infelizmente minha cabeça não funciona com as ciências exatas. Acho que esse lado ficou travado... Sou ruim nisso. Faço um grande esforço... Defendo que as crianças devem desenvolver a capacidade de programação do mesmo modo que têm que desenvolver a capacidade da gramática da língua.

O mundo da computação não veio como uma moda, uma onda. Ele veio para ficar e crescer cada vez mais. A computação é uma tecnologia da inteligência. É um prolongamento da inteligência humana e sabemos que a inteligência artificial está se desenvolvendo de maneira cada vez mais complexa. Então, criei esse curso. Um grande desafio. Quando começou o mundo digital, pensei: Que áreas serão as mais afetadas? Educação, Design das interfaces, por que se o computador é um prolongamento da inteligência humana, como é que vamos conversar com essa inteligência artificial? Para isso, são criadas as interfaces. E essas interfaces estão ficando cada vez mais com a nossa cara. O que é hoje um celular? É um mimo; uma criança de três anos já está se relacionando com essa interface. A segunda linha de pesquisa são as interfaces computacionais, o Design digital, as estéticas tecnológicas; a terceira linha é a de Desenvolvimento de *software* de computação. Imagine! é de uma transversalidade

enorme. Tem muito curso multidisciplinar no Brasil, mas tão transversal quanto o nosso, não conheço.

Um estudante que tenha cursado qualquer graduação pode frequentar essa pós-graduação em São Paulo?

Claro, desde que ele tenha algum apreço pelo mundo tecnológico, digital. Agora, que jovem não tem atualmente? Então, nós recebemos desde pessoas que têm propensão mais artística, estética; pessoas preocupadas com a educação em ambientes virtuais; e pessoas com formação em computação, mas que não querem ficar fechadas na área de computação, de informação, mas querem se abrir para campos de humanidades.

Na realidade, quando falamos em interface ser humano-máquina, estamos pensando nesse cruzamento da tecnologia com aquilo que constitui o humano. E essa é uma questão bem complexa, porque o humano está em mutação. Estamos atravessando um processo de mutação antropológica. Falo isso há uns 20 anos. E agora os ventos do real estão soprando a meu favor.

Por conta de suas ideias e dos muitos livros publicados a professora Santaella viaja muito pelo Brasil fazendo palestras sobre suas pesquisas. Vale a pena a divulgação desse conhecimento?

É muito compensador. Ando pelo Brasil afora. Até negligenciei um pouco minha carreira internacional, porque em primeiro lugar, “minha pátria é minha língua”. Eu gosto de escrever na minha língua. Eu até escrevo em outras línguas, mas sofro. Adoro escrever em português. É a minha língua, o texto sai com naturalidade, com prazer. Tudo o que dá prazer flui. O que não dá prazer trava. Então, pra eu investir na carreira internacional teria que publicar mais no exterior. No entanto, acabei de chegar de Londres,

fui representar o Brasil num evento. Acho que estudei tanto, sinto que tenho alguma coisa a dizer. Nessas quatro últimas semanas estive em quatro lugares dando palestras.

É compensador, porque é o diálogo. É ouvir o outro. O que os outros estão precisando? O que estão fazendo? É a ética da curiosidade. Não há vida intelectual se não houver essa ética. Mas não é uma ética que se possa forçar. Não tem um imperativo categórico. Ou você tem essa curiosidade naturalmente e a pratica ou fica repetindo um receituário do saber, de um catecismo de 20 ou 30 anos, que não se transforma e não vai buscar outras coisas... Exercitar essa ética dá trabalho. Te desloca. A base peirceana deu sustentação para desenvolver essa ética, porque é uma filosofia muito aberta. Na fenomenologia do Peirce, por exemplo, a primeiridade é acaso, a terceiridade é a continuidade e a secundidade é o contingente. Então, não tem começo, nem meio e nem fim. Isso abre muitos horizontes, muitas perspectivas para explorar muitos campos.

É possível falar um pouco sobre o próximo livro *Temas e dilemas do pós digital – a voz da política?*

Pensava que este livro estivesse pronto no final de 2014. Mas, estive na Europa no início de 2015 e sofri um grande impacto. Lá, na Alemanha, eles acham que estão praticando política, mas é uma política de pessoas mimadas pela vida, choramingando... Aquele confronto foi muito significativo pra mim. Foi preciso rever alguns pontos. Eu já estava pensando no pós-digital, há mais de um ano. E o pós-digital é uma espécie de acerto de contas do digital consigo mesmo. As utopias dos anos 90 se foram: o mundo digital, as tecnologias, os prolongamentos da inteligência humana....

Ocorre que o ser humano, por princípio, é ambivalente, contraditório, um animal paradoxal. Para completar, estamos desde o Renascimento instalados num capitalismo, cada vez mais cheio de

contradições. Não há tecnologia que nos salve num sistema como esse. Em países que a gente não chama mais de periféricos, que chamam “em desenvolvimento” (que é um eufemismo ridículo!), a gente sofre as consequências dessas contradições profundas do capitalismo. Não sofremos como na África, mas sofremos.

Então, para escrever esse *Temas e dilemas do pós digital – a voz da política*, fui estudar a voz da política contemporânea, refletida nos herdeiros de Foucault, especialmente nas obras de Giorgio Agamben e de Antonio Negri. Esse livro é um mergulho nessas contradições profundas do mundo contemporâneo.

Os professores do Paraná vivem um momento delicado. Em greve por melhores condições salariais e de aposentadoria, sofremos o “massacre” no dia 29 de abril... Como se pode interpretar essa situação?

Ser professor no Brasil, cada vez mais, é ter parentesco com loucos santos e bêbados. O professor no Brasil sempre foi desvalorizado, mas agora isso atingiu um limite insuportável. Moro uma parte do ano na Alemanha. Lá o professor, ousado dizer, é o ser humano mais valorizado. O professor e o artista, ou seja aquele que trabalha com o conhecimento e aquele que trabalha com a cultura. O professor é valorizado simbolicamente e economicamente. Os salários do professor brasileiro são tão vergonhosos... A gente não tem palavras, desculpe! As palavras são impotentes para expressar o que aconteceu. De fato, a situação hoje do Paraná é epítome. Não é só no Paraná, é no Brasil inteiro, mas aqui atingiu proporções alarmantes.

Tenho usado muito meu facebook, onde tenho 5 mil seguidores, para denunciar, na medida do possível. Na nossa individualidade, o que a gente pode fazer? As redes hoje também são meios para denúncia. Mas para situações limite as palavras não dão conta. O que foi feito com os professores do Paraná em praça pública

é um crime cultural e jurídico. Foi muito longe. O problema é que quando a gente chega nesse limite, dessensibiliza. Isso é o mais sério. Ah que horror!!!! Mas atingiu o limite. O que mais pode acontecer além disso?

Esse mote (ser professor no Brasil, cada vez mais, é ter parentesco com loucos, santos e bêbados) é a minha ironia com a tal da Pátria educadora. Que ridículo falar em Pátria educadora! Não culpo só o governo atual. Isso é uma coisa que vem de longe. É uma tradição no Brasil essa desvalorização sistemática e cabal do professor. Então, quem vai querer ser professor hoje? Como se vai encorajar os jovens? Só há uma explicação: uma paixão irremediável. É até irracional no Brasil de hoje as pessoas continuarem seu ofício de educador. Esse evento EIEIMAGEM, em plena greve, é obra do amor das pessoas que têm coragem para enfrentar essa situação de crise absoluta. De onde vem essa força? Vem de dentro, do amor pelo que se faz. A vida intelectual quando não é uma atividade solitária, mas voltada para o outro, é compensadora, ajuda a enfrentar a vida que passa.